

## **O Estado de S. Paulo**

**8/6/1984**

### **Bóia-fria queima canavial e depois aceita o acordo**

Das regionais e dos correspondentes

Em protesto pela falta de informações sobre o acordo entre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lins e a destilaria de álcool Equipav, de Promissão, cerca de 400 bóias-frias incendiaram um canavial de cem alqueires, ontem de manhã, em Avanhandava —região de Araçatuba —, queimando aproximadamente 20 toneladas de cana. Além disso, todos se recusaram a trabalhar e, à tarde, em reunião no estádio municipal de Penápolis, aceitaram os termos do acordo que já estava definido há dois dias.

Ontem, deveria ser o primeiro dia de corte e moagem da cana-de-açúcar na destilaria Equipav, que pretende iniciar sua terceira safra consumindo três toneladas de cana por dia. Segundo o contador da empresa, Marcos Antônio Carsten, a rebelião dos bóias-frias foi iniciada por uma minoria de 150 jovens na fobia dos 18 anos: "Porém, perfeitamente compreensível porque todos foram levados até a fazenda (onde ocorreu o incidente) sem saber as bases do acordo que já estava definido".

À tarde, no estádio municipal, o prefeito de Penápolis, Ricardo Jorge, ouviu dos líderes dos bóias-frias, José Carlos Sanches, as seguintes propostas da categoria: registro em carteira; vales diários e diária básica de Cr\$ 5 mil; contagem e pagamento dos dias de chuva, incluindo-se o de ontem, quando iniciaram o movimento; igualdade de pagamento para mulheres, crianças e homens, dependendo da produção de cada um, estabelecendo-se a proposta mínima de Cr\$ 25,00 e a máxima de Cr\$ 40,00, dependendo ainda do tipo de cana a ser colhida.

Por volta de 15h30, entretanto, trabalhadores e usineiros chegaram a acordo que prevê o atendimento das reivindicações dos bóias-frias.

Em Mirandópolis, apesar do acordo, os bóias-frias paralisaram suas atividades na lavoura, pelo terceiro dia consecutivo. Isto porque a destilaria Alcomira anunciou, no dia anterior, que o corte de cana seria paralisado ontem, e os cortadores receberam essa informação como "punição" porque a destilaria iria dispensar exatamente os empreiteiros dos bóias-frias que participaram do movimento.

Já em Ourinhos, o Sindicato Rural e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, além de representantes do Ministério do Trabalho (regional de Marília) e proprietários de usinas e destilarias, se reuniram para discutir as reivindicações dos trabalhadores. Segundo o presidente do Sindicato Rural de Ourinhos, Roberto Gandolpho Constante, "é bom frisar que não existe nenhum movimento de greve nesta região. Estamos apenas nos reunindo para ouvir os trabalhadores, os patrões e encontrarmos uma fórmula para que não ocorra aqui o que ocorreu em Guariba e outros pontos do Estado". Os trabalhadores querem aumento de Cr\$ 70,00 para Cr\$ 115,00 o metro linear de ruas de cana que forem cortadas. Até o início da noite, ontem, a reunião prosseguia, sem definição.

Por sua vez, os fornecedores de cana de Sertãozinho — maior município canavieiro do País — programaram para hoje uma passeata com 600 automóveis, caminhões e tratores, em protesto contra os novos preços fixados pelo IAA e, também, por causa da possibilidade de só receberem 40% da remuneração no ato da entrega da cana às usinas e destilarias.

Já no Paraná, usineiros e plantadores concordaram em pagar aos trabalhadores Cr\$ 1.618,00 (incluindo férias, 13º salário e folga remunerada) por tonelada de cana cortada, além de eliminar completamente o intermediário, oferecer transporte gratuito e registro em carteira.

**(Página 9)**